CISION

JM

ID: 88793598

27-09-2020 | Autárquicas

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 26,20 x 31,90 cm²
Corte: 1 de 3

Nestes últimos anos, o Inquérito às Estruturas das Explorações Agrícolas de 2016 destaca que houve um decréscimo da mão-de-obra familiar

Há menos explorações agrícolas, mas produtividade aumentou

Por ***Lúcia M. Silva***
lucia.silva@jm-madeira.pt

Embora não seja possível saber-se se, nos últimos 10 anos, houve ou não aumento do número de explorações agrícolas na Região, até porque o Instituto Nacional de Estatística (INE) ainda não dispõe dos elementos referentes ao Recenseamento Agrícola de 2019, a Secretaria Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural, através da Direção Regional de Agricultura, diz que, tendo em conta os elementos do Recenseamento Agrícola de 2009 e dos Inquéritos de Estrutura das Explorações Agrícolas de 2013 e 2016, "a evolução da situação madeirense foi análoga à do resto do país, embora com uma pendente menos pronunciada".

Recordando que a Região, até há cerca de 50 anos atrás, tinha a sua economia baseada no setor primário - o que acabaria por acarretar muitos e variados problemas, nomeadamente os relacionados com as várias crises da agricultura e que afundaram, não só a economia madeirense, como, mais gravemente, trouxeram épocas de miséria e fome, que tiveram, como resultado final, uma emigração massiva, o diretor regional da tutela, Paulo Santos, realça que a necessidade de alterar esta situação "foi uma das prioridades dos novos tempos pós consolidação da autonomia política da Região, dando-se prioridade a outros sectores económicos, não perdendo de vista, no entanto, a questão produtiva e de rentabilidade económica gerada pelo sector agrícola".

É por esta razão que, sustenta o responsável, "é natural que a evolução mais recente do sector agrícola reflita estes aspetos e que, nos últimos dez anos se tenha verificado, não só uma diminuição do número de explorações agrícolas, como, também, da chamada superfície agrícola utilizada".

Aliás, de acordo com os dados divulgados pela Direção Regional de Estatística, referente às

31.016
indivíduos representavam, em 2016, o volume de mão-de-obra agrícola da Região

25
milhões de euros é quanto o setor primário pode contar anualmente para ajudas à produção

CISION
JM
ID: 88793598
27-09-2020 | Autárquicas
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional
Pág: 7
Cores: Cor
Área: 26,20 x 31,90 cm²
Corte: 2 de 3

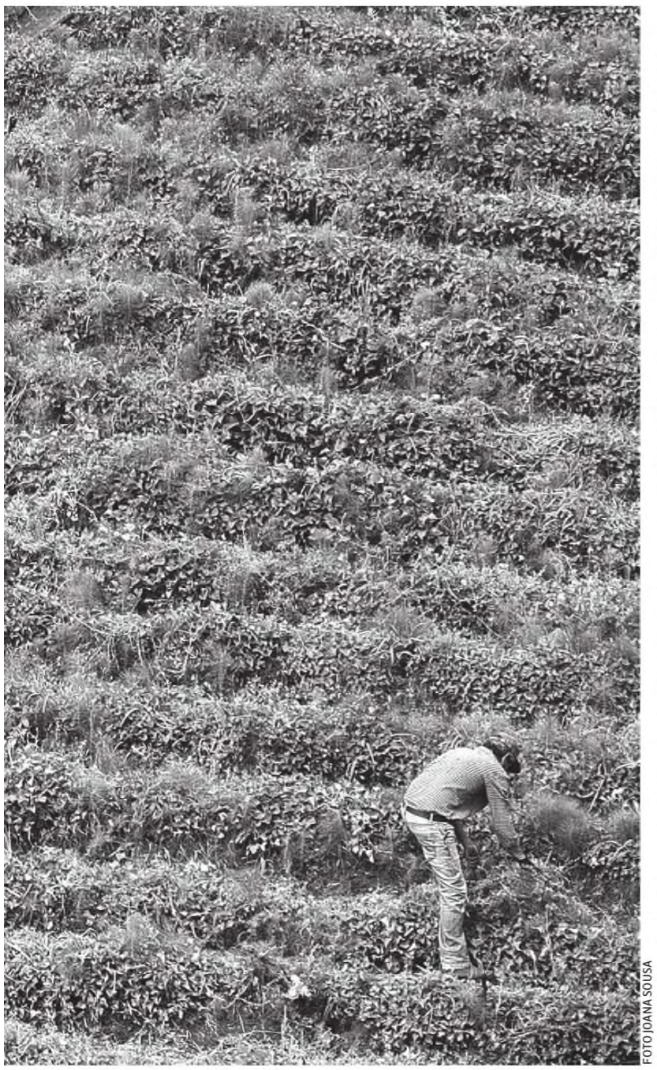
FOTO JOANA SOUSA

explorações agrícolas existentes na Região entre 2009 e 2016, houve efetivamente uma diminuição de quase duas mil explorações. O mesmo se passou com as áreas trabalhadas. Durante o mesmo período, as áreas cultivadas passaram dos 5.428 para 4.893 hectares.

Neste aspeto, Paulo Santos recorda que "há que contar com o facto de em termos agrícolas os agricultores terem optado pelos terrenos mais férteis e com melhores condições em desfavor dos terrenos considerados marginais, o que fez crescer, não só a produtividade agronómica, como os rendimentos dos agricultores".

Entre 2009 e 2018, o valor acrescentado bruto do setor agrícola evoluiu dos 52,4 para os 59,80 milhões de euros. Para este facto, o diretor regional lembra que contribuiu "a evolução muito acentuada do valor da produção agrícola", de 92,33 para 102,8 milhões de euros, entre os anos de referência.

Policultura dominava

No que respeita às produções, Paulo Santos recorda ainda que, antes da realização do Recenseamento Agrícola de 2009, a esmagadora maioria das explorações agrícolas regionais tinha uma orientação técnico- económica designada de "policultura". Ou seja, a maioria das explorações tinham, como objetivo principal da sua produção, o autoconsumo, produzindo-se um pouco de tudo e garantindo a sobrevivência do agregado familiar.

Porém, já em 2009, verificou-se uma evolução relacionada com a horticultura intensiva e onde a Região de destacou do resto do país.

Este facto, demonstrativo da nova especialização agrícola dos produtores madeirenses para áreas específicas de cultivo, com maiores vantagens económicas, foi acompanhado por outros sectores agrícolas, como os frutos subtropicais, onde a banana ganhou um "protagonismo evidente".

O diretor regional explica que a tendência geral dos agricultores tem sido "a aposta no cultivo de espécies agrícolas que lhes proporcionem um bom rendimento económico, em detrimento das anteriores espécies que se resumiam ao sustento alimentar familiar", não esquecendo a aposta em novas tecnologias produtivas.

Cana sacarina é exemplo

Para além do crescimento considerável das culturas temporárias como acontece com as hortícolas, como a alface, a batata-doce, a cebola, para além de outras espécies que têm vindo a crescer de forma considerável, como as crucíferas (couve-repolho, couve-flor e brócolos) e o milho doce, que passou a ser produzido em zonas diversas das tradicionais (concelhos da costa norte), a cana sacarina é outro exemplo de cultivo de sucesso.

A tutela diz que a Madeira é pioneira neste cultivo e que a sua cultura e transformação transcendem o território regional. "O seu cultivo mantém-se pujante na ilha, fruto da qualidade dos seus derivados diretos (mel e aguardente de cana/rum) e indireto (bolos de mel, broas e restante doçaria canavieira típica)", especifica a tutela.

Já no setor das frutas, a aposta tem sido no cultivo da banana e da anona, fruto que despertou o interesse de mercados exteriores.

ENTRE 2009 E 2016 HOUVE, EFETIVAMENTE, UMA DIMINUIÇÃO DE QUASE DUAS MIL EXPLORAÇÕES NA RAM. CONTUDO, EM TERMOS AGRÍCOLAS OS AGRICULTORES OPTARAM POR TERRENOS MAIS FÉRTEIS E COM MELHORES, O QUE FEZ CRESCER, NÃO SÓ A PRODUTIVIDADE AGRONÓMICA, COMO OS RENDIMENTOS.

Ajudas têm vindo a crescer

Tendo por base as contas económicas regionais da agricultura disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), no período 2009/2018, constata-se que as ajudas ao rendimento dos produtores agrícolas foram, em média, de 11.3 milhões de euros por ano, o que representou 22% do rendimento empresarial líquido.

No decénio anterior, que compreendeu os anos 1999 e 2008, as ajudas ao rendimento dos produtores agrícolas foram, em média, de 3,8 milhões de euros por ano, o que representou 9% do rendimento liquido empresarial.

Já no que diz respeito à evolução do volume de mão-de-obra agrícola nestes últimos anos, os mesmos dados destacam que houve um decréscimo da mão-de-obra familiar (-6,4% por ano). No entanto, manteve-se maioritária no conjunto da mão-de-obra total. Em 2016, segundo o Inquérito às Estruturas das Explorações Agrícolas, o volume de mão-de-obra agrícola correspondia a 31.016 indivíduos.

No computo geral, e de acordo com dados da Direção Regional de Agricultura, a atividade do sector primário - considerando neste contexto o setor agropecuário e o setor agroalimentar - tem em média por ano à sua disposição um pacote financeiro de ajudas à produção, transformação e comercialização de cerca de 25 milhões de euros por ano, sendo 18 milhões de euros provenientes do Programa POSEI, e cerca de 7 milhões de euros do PRODERAM 2020.

FOTO JOANA SOUSA

Diretor regional explica que a maioria das explorações agrícolas tinha uma orientação para a policultura.

CISION
ID: 88793598
JM
27-09-2020 | Autárquicas
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional
Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,94 x 3,45 cm²
Corte: 3 de 3

Jornadas JM Madeira 2020

DINARTE CONFIRMADO NO CDS 'DISPENSA' PSD

O atual presidente da Câmara de Santana confirmou que já foi convidado para comandar o projeto centrista, mas ressalva não ser adepto de coligações.
Pág. 22

PESCADORES ACHAM QUE A PANDEMIA ESTÁ A SERVIR DE DESCULPA
Pág.3

MADEIRA COM MENOS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS MAS MAIOR PRODUTIVIDADE
Págs.6 e 7

PS já definiu trunfos para as Autárquicas

A nova direção socialista já determinou quem vai liderar a estratégia autárquica em quase todos os concelhos. Miguel Silva Gouveia, no Funchal, Célia Pessegueiro, na Ponta do Sol, Emanuel Câmara, no Porto Moniz, e Ricardo Franco, em Machico, são escolhas óbvias. Miguel Brito será aposta no Porto Santo, Tânia Freitas deve lutar por Santana e Olga Fernandes tem o apoio de Cafôfo na Ribeira Brava. Págs. 18 e 19

"A coligação aqui não faz sentido"

Pedro Coelho aponta ao terceiro mandato em Câmara de Lobos. Em entrevista ao JM entende que a coligação no Município a que preside não tem cabimento e disso já deu conta ao líder do PSD-M. "Fazia uma coligação quando teve 63% nas últimas eleições?", questionou.
Págs. 14 a 15

FOTO JOANA SOUSA